



RESSIGNIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO DA CARTA EM AULAS DO ENSINO MÉDIO PELO VIÉS LITERÁRIO

Maristela Righi Lang (marislang@hotmail.com.br)

Minéia Goetz Rochinheski - Coautor 1 (goetz.mineia@gmail.com)

Lenir Basso Zanon - Coautor 2 (bzanon@unijui.edu.br)

Eixo temático 1. Experiências e Práticas Pedagógicas.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem, na perspectiva bakhtiniana, é constitutiva do homem e é por meio e com ela que as interações humanas acontecem, usando textos, em sua variedade de gêneros, principalmente orais ou escritos, os quais são utilizados ao longo da vida do sujeito, começando pelos mais simples e, na medida em que vai avançando em sua trajetória de vida e escolar, vão se complexificando.

A escola se constitui a instituição que possui a função de criar condições para o ensino e a aprendizagem de conhecimentos nas diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, a área das Linguagens, mais especificamente a Língua Portuguesa, é chamada a desenvolver práticas que permitam o entendimento, a reflexão e a ampliação do uso da linguagem, tanto na leitura, quanto na produção de textos orais e escritos.

Com o objetivo de promover leituras e produções textuais em que os alunos do 1º ano do Ensino Médio usem a língua materna de forma criativa, autoral, clara e coerente, tem sido desenvolvido pelas professoras de Produção Textual estudo de alguns gêneros textuais, entre eles cartas. Como inspiração, são lidos textos constantes no livro de Martha Medeiros, *Tudo o que eu queria te dizer*. Percebe-se o quanto os alunos gostam da atividade de escuta, envolvem-se com os enredos criados em cada carta e solicitam mais leituras. Após estudo do gênero, parte-se para a escrita de cartas, em que os alunos são desafiados a escrever respostas a alguma das cartas lidas ou podem escrever outras, em que se indica quem é o sujeito que escreve e para quem deve escrever.

A intenção deste relato é expor e analisar as atividades desenvolvidas no percurso de estudo do gênero, leitura, produção e socialização dos textos produzidos, o que pode desencadear outras ações potencializadoras da qualificação do processo de leitura e produção textual na escola. Salienta-se que a fim de manter o anonimato, são usadas as iniciais do nome de alunos no excerto de textos apresentados, os quais estão em itálico.



2. CONTEXTO, DETALHAMENTO, DISCUSSÃO E ANÁLISE DA PRÁTICA

O conjunto de atividades relatado envolve alunos de 1º ano de uma escola de Ensino Médio, inserida na 36ª Coordenadoria Regional do Educação da rede pública do estado do Rio Grande do Sul, na disciplina de Produção de Texto. Essa atividade começou a ser realizada no 1º ano em 2020 e como as produções foram bastante ricas, ela foi colocada em prática novamente.

O campo da educação, não só no RS, necessitou se reinventar, a partir de março de 2020, em virtude da pandemia do Covid-19. A escola em que foram realizadas as atividades aqui relatadas conseguiu migrar de forma rápida para aulas remotas, usando num primeiro momento diferentes meios tecnológicos e de maio/2020 em diante, o Google Classroom. Foram muitas as aprendizagens relacionadas ao uso das tecnologias para professores e alunos. Para parte dos discentes, foi um desafio utilizar recursos como editor de textos, tanto do word, quanto do Google Docs, ferramenta por meio da qual os alunos escreviam e entregavam seus textos. Isso porque não fazia parte do seu conhecimento escrever textos de forma digital, o que demandou estratégias de ensino para que escrevessem de acordo com o que se exige pelas normas da ABNT. Neste ano não foi diferente. Novo grupo de alunos, também sem saber usar editor de texto. Porém, à medida que os textos eram escritos, isso foi sendo ensinado, juntamente com outras questões de língua, organização de ideias, criatividade, entre outras.

Uma dinâmica usada desde o início deste ano letivo foi a leitura de texto no começo da aula. Nas primeiras semanas, a seleção ficava sob responsabilidade da professora. Depois, a cada aula, um aluno ficava responsável pela escolha do texto (crônica, poema, conto, notícia etc.) e leitura para a turma.

Em relação à atividade de leitura e escrita de cartas, foi desenvolvida como sequência do estudo de textos da ordem do narrar. A escola faz uso de apostilas e em uma delas, o foco são textos em que são narradas histórias. Assim, a atividade de ensino foi aliada à leitura de cartas do livro *Tudo que eu queria te dizer*, coletânea de textos escritos por Martha Medeiros, em que diferentes personagens - mãe, amigo, padre, terapeuta, pessoas comuns, demônio, entre outros – escrevem cartas para um interlocutor. Ao longo delas, o leitor fica conhecendo o enredo. Foi percebida então uma possibilidade de instigar os alunos a pensarem a construção de narrativas, o que permitiu resultados com significado para o envolvimento ativo do estudante, contribuindo de forma importante para o desenvolvimento do processo autoral.

Como forma de manter o distanciamento social devido à pandemia, a escola organizou as turmas em dois grupos, sendo que, enquanto um participava das aulas de forma presencial, o outro acompanhava de forma remota pelo Google Meet. Para que todos pudessem acompanhar as atividades de leitura dos textos, foi feita a seleção de algumas cartas do livro já citado, o seu escaneamento e disponibilização no Classroom de cada turma, pois assim, todos poderiam acompanhar a leitura e análise e voltar aos textos se sentissem necessidade.



Para o processo de produção das cartas, foram disponibilizadas aos alunos as seguintes orientações:

A partir da leitura das cartas selecionadas do livro *Tudo que eu queria te dizer*, de Martha Medeiros, você vai escrever uma carta, se colocando no papel de:

- a) Leila, escrevendo resposta à carta do demônio;
- b) Vera, em resposta à carta de Flávia;
- c) Juliana, em resposta à carta de Clarissa;
- d) Brito, em resposta à carta de Clarissa;
- e) Delegado Adelino, em resposta à carta do padre Josias.

** Se você quiser, pode criar uma situação nova a partir das sugestões a seguir:

- a) Filho(a) escrevendo carta aos pais;
- b) Amiga escrevendo carta para os pais da melhor amiga;
- c) Aluno(a) escrevendo carta para o(a) professor(a);
- d) Você escrevendo carta para si mesmo, a ser lida no futuro.

Seja criativo(a), pense alternativas interessantes de situações e redija sua carta com no mínimo 30 e no máximo 50 linhas.

A única proposta que não foi desenvolvida foi a que Brito escreveria em resposta à carta de Clarissa. A interpretação disso é que talvez os alunos não tenham se sentido à vontade para se colocar no papel de um homem que descobre que a terapeuta de casais tenha se apaixonado pela sua esposa e por isso escreve, justificando por que não poderia continuar com as sessões de terapia.

Entre os textos que desenvolvem a proposta de Leila escrever para o demônio, percebe-se o diálogo construído com a carta redigida pelo demônio, uma vez que o aluno que assume a personagem Leila aponta ações que realiza para poder exorcizar o demônio interior, como se pode perceber em:

EXCERTO I – (JB)

Oi, anjinho caído.

Pois bem coisa ruim, aqui estou eu de volta, trazendo um feedback depois dos seus conselhos. Sabe a primeira coisa que comecei a fazer? Rezar. Isso mesmo. Lembra quando você comentou que detestava aquelas pessoas que juntavam as mãos, fechavam os olhos, e cochichavam baixinho? Me tornei uma delas. Quero só ver se agora você ainda vai continuar no meu pé. [...]

Além disso, quem você pensa que eu sou para querer namorar com você? Posso até “dar em cima” de uns meninos por aí, mas não ao ponto de ter a ideia de lhe querer. Como você mesmo disse, “o que demonstra que tem um Q.I. no mínimo razoável”. [...]

Então, depois do dito, vou começar a me despedir. Tenho que confessar que o tempo que passei com você não foi horrível, tive meus momentos, aventuras e crises. E quem não tem, não é mesmo? Entretanto, sem você é muito melhor. A liberdade que você me prometeu, veio quando eu consegui me fazer “dessimpatizar” com você.

Leila



Os múltiplos sentimentos aparecem nas cartas escritas pela figura de filhos aos pais, de alunos a professores, do delegado ao padre, como se pode ver nos excertos a seguir:

EXCERTO II – (ET)

Amados pais, sim, amados, porque apesar de todos os problemas que me causaram, é difícil não amar as pessoas com quem eu dividi bons anos da minha vida. Hoje faz cinco anos desde que saí de casa. O tempo passa rápido, e eu apenas estou cansado de guardar tudo para mim. Sinto que nunca conseguirei largar esse fardo que trago comigo desde a infância, até pôr para fora tudo o que guardo dentro do peito. Isso não é uma carta de ódio, eu não pretendo xingá-los por tudo que me fizeram, é só aquela conversa de pais e filhos que nós nunca tivemos.

EXCERTO III – (MG)

Cara professora Olívia, em primeiro lugar, confesso que não constava em meus planos escrever-lhe essa carta. Não queria me expor dessa maneira, mas não imaginava que a tão famosa sensação de “estar com a consciência pesada” fosse me tirar tanta tranquilidade e causar tantas dores de cabeça. Eu bem que gostaria de dizer para a senhora algo como “não se preocupe, não é nada grave”, porém, infelizmente não sou de mentir. Prepare-se.

EXCERTO IV – (SS)

Padre Josias, sei que o senhor não está mais entre nós para ler esta carta, mas estou escrevendo para desabafar. Os últimos dias têm sido terríveis, não durmo direito desde o dia em que saí de seu enterro e Célia me entregou aquele pedaço de papel com a maior revelação da minha vida. Seria impossível resolver um caso em que o culpado é a única pessoa que você nem pensou em cogitar.

Muitos desenvolveram a última proposta, ou seja, escrever carta para si mesmo, a ser lida no futuro. Nelas, é possível perceber as angústias, as dúvidas, a esperança em relação ao que a vida lhes reserva. É algo que chama a atenção, pois entre as diferentes propostas que indicavam a possibilidade de criar um enredo ficcional, preferiram aquela em que pudessem verbalizar o que está os perturbando ou as expectativas que possuem em relação ao futuro.

Para a análise, neste relato, Bakhtin contribui de modo especial, uma vez que um de seus conceitos fundamentais, em se tratando de linguagem e de como acontecem os processos mentais e sociais humanos é o de dialogia. Isto porque, uma enunciação – isto é, o uso da linguagem e os processos semânticos – só podem ser entendidos se relacionados a outras enunciações. “A enunciação é de natureza social”, assegura Bakhtin (2014, p. 113, grifos do autor). É um eterno referir-se a algo e a possibilidade de que seja retomado para ser reafirmado, contestado, ampliado, aplicado, respondido etc. A isso Bakhtin vai chamar de posição/atitude responsiva, no sentido

de que uma enunciação motiva outra(s).



Os alunos responderam ao chamado de se colocarem em interação com as cartas lidas, escreveram para os interlocutores propostos e assumiram a personagem escolhida, tanto no modo de dizer, quanto na seleção das palavras a comporem seus textos. No excerto a seguir, é possível perceber a voz de criança, a expectativa quanto ao que está por vir em sua vida. Elementos do universo infantil se fazem presentes, como é o caso do personagem Ben 10, de cadernos com figurinhas e a disputa pela posse delas. A inocência da personagem está marcada na seleção vocabular.

EXCERTO V – (MO)

Olá professora..., bom saiba que eu estou muito ansioso para começar as aulas, afinal já estou indo para o quinto ano, não é mesmo? Já sou quase um rapaz, esse ano vou até começar a escrever de caneta, até já pedi para a mamãe comprar um corretivo, e também já comprei meus materiais escolares, sabia? Comprei um estojo novo, do Ben 10, ele é muito bonito, sei que a senhora vai amar, também comprei vários cadernos, um para cada matéria, e todos tem figurinhas. Eu pensei muitas vezes antes de comprar cadernos com figurinhas, sabe professora, porque tenho certeza que a Maria do quinto B, vai querer pegar a figurinha maior, e eu não quero dar para ela, e se eu não der, ela vai correr atrás de mim no intervalo, mas eu ainda vou dar um jeito nisso.

Pode-se dizer que a prática realizada sinaliza que é necessário a criação de situações de ensino e aprendizagem que permitam ao aluno ver-se como alguém que tem potencialidades, que pode produzir textos autorais, mesmo que seja a partir da palavra do outro e de possibilidades de interpretação do que já foi produzido. As palavras de Bakhtin (2011, p. 271) contribuem para entender a perspectiva interativa, dialógica e responsiva da linguagem: “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”. Nesse sentido, o sujeito precisa ser visto sempre em uma atitude ativa, já que ao contatar com o outro não poderá simplesmente se colocar de forma passiva. Além disso, a compreensão de um enunciado, de um texto exige uma resposta, mesmo que seja apenas para o próprio sujeito, como um processo reflexivo.

Também é importante dizer que os estudos na área da linguagem destacam a necessidade de a leitura e a produção textual serem o foco das aulas de Língua Portuguesa, uma vez que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto” (MARCUSCHI, 2002, p. 22), assim, para compreender como acontecem os processos comunicativos e semânticos é preciso estudar a língua em uso nos diferentes gêneros textuais que circulam socialmente. O autor assegura ainda que essa visão está atrelada à concepção de “língua como atividade social, histórica e cognitiva” (p.22).

Koch e Elias (2017) também pontuam o fato de que o processo de produção textual necessita ancorar-se numa concepção interacional da linguagem. Para elas:



Nessa concepção interacional (dialogica) da língua, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, este considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais (KOCH e ELIAS, 2017, p. 34)

A atividade aqui relatada dá indícios de que os alunos envolvidos se constituíram atores sociais, envolveram-se, deram asas à imaginação, fizeram uso de conhecimentos construídos, deram sequência a ideias apresentadas por outros ou mobilizaram ideias para produzir outras narrativas, de forma autônoma e autoral.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dos anos, muitas queixas de professores são ouvidas, no sentido de que há pouco envolvimento dos alunos no que se refere à leitura e à produção textual. As atividades aqui relatadas sinalizam que é possível desenvolver práticas em que os estudantes se sentem mobilizados a participar, interagir, criar enredos criativos, envolventes, produzir textos em que se colocam como autores, exercendo ativamente sua condição de sujeitos.

O gênero textual carta, em função do desenvolvimento tecnológico, já não é produzido como em outros tempos, quando era a possibilidade de comunicação entre pessoas que moravam em lugares distantes. Nesta atividade, esse gênero ganhou nova roupagem, pois assumiu função literária, mesmo quando a opção escolhida foi escrever para si mesmo no futuro. Mais uma vez a literatura se coloca como estratégia que potencializa as ações pedagógicas na escola, tanto pela leitura quanto pela produção de textos.

O objetivo dessa atividade coaduna-se à aposta no poder (trans)formador da linguagem, no sentido de constituir sujeitos que refletem, produzem e possam agir socialmente, uma das funções da instituição escolar.

4. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In:



DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (org.).
Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MEDEIROS, Martha. *Tudo que eu queria te dizer*. Rio de Janeiro: Objetiva,
2007.